

# PENNA, AGULHA E COLHER

directora: Zenir Alcá (C. postal 49)

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Suplemento da «Epoca» (A. IX—N. 15)



## LONGEVOS

*De muito longe vêm; colhendo amores,  
a Primavera os viu por verdes prados;  
depois, de doces fructos carregados,  
tinham os braços que trouxeram flôres.*

*Agora o sol se põe: os esplendores  
vão-se apagando em flóculos nevados;  
mas os seus corações bem conchegados  
não sentem vir d'hibernicos rigores.*

*Gratas recordações d'almo passado  
abrem o cofre pelo amôr sellado,  
onde rebrilha magico thesouro...*

*E d'um goso ideal, então, repletos,  
entre os netos, filhos e bisnetos  
elles celebram suas bodas de ouro.*

**Delminda Silveira**

## Santa Ignez

(21 de Janeiro)

Santa Ignez, gloriosa padroeira das Filhas de Maria, que foi que vos animou, quando apenas tinheis treze annos de idade, a recusar com tanta energia as instantes diligencias de Procopio, filho do Proconsul de Roma, para conquistar-vos o amor?

Quê foi que vos encorajou, quando o Proconsul, arrastado pelo amor sem freio que nutria pelo filho, proferiu contra vós as mais terriveis ameaças?

Que foi que vos fez anhelar, com tanta serenidade, o martyrio, quando já ao pé de vós estavam os algozes promptos a executar o seu nefando crime?

Ah! eu bem sei!...

Foi o amor entranhado que nutrieis á Virgem Immaculada, que vos resolveu a não querer outro esposo senão Jesus Christo, seu Divino Filho. E que amor sincero e forte tinheis vós, querida Santa Ignez, pelo Esposo adorado, que

vos não puderam seduzir os ricos presentes... as palavras amorosas do tentador... nem a horrivel e injuriosa sentença do Proconsul...

E que fé inabalavel tinheis no Divino Esposo que, tendo o Proconsul ordenado que vos despissem publicamente, respondestes que Jesus não consentiria que vos roubassem o vosso mais precioso thesouro, a santa pureza.

E... oh! milagre da Divina justiça... crescem-vos os cabellos, cobrindo todo o vosso corpo... e um anjo, apparecendo cercado de resplandecente luz, offerece-vos uma tunica mais branca que a neve...

Procopio e alguns companheiros, entrando, ficam amedrontados deante do milagre... Fogem estes... e Procopio só, tentando approximar-se de vós, cae fulminado.

O Proconsul, afflicto, de lobo mordaz torna-se humilde cordeiro... e supplica-vos que restituais a vida ao filho.

E vós, sem uma sombra de rancor contra os vossos executores, orais a Deus... e Procopio resurge convertido, confessando a fé dos christãos!...

Agora quer o Proconsul salvar-vos, mas o povo grita: A' morte!... á morte!... a feiticeira!...

Amedrontado entrega então a causa a Aspasio, seu substituto, que, constringido pelo furor da plebe, manda aos algozes que vos atirem numa fogueira encandecente... Obedecem!... mas as chammas, dividindo-se, deixam-vos no meio da fogueira, sem uma pequena queimadura sequer!

Aspasio ordena então aos carrascos que vos degolem...

E, mortalmente ferido, cae o vosso corpo por terra, enquanto a vossa alma candida vaa ao céu a gosar eternamente as delicias do Divino Esposo.

Florianópolis, 21 de Janeiro de 1919.

*Açucena do Valle.*

A EPOCA encontra-se á venda durante toda a semana na casa do sr. Amadeu Beck, á rua Felipe Schmidt n.º 5, e na casa «Grecia», á praça 15 de Novembro.



# UMA HISTORIA

*A minha amiguinha Zenita*

No limiar duma porta da pauperrima aldeia do governo de Toula estava sentada uma velha.

O lenço multicôr, amarrado á moda dos habitantes dessa região, cobria-lhe os cabellos, brancos como um flocco de algodão; cabellos que, outr'ora, deviam ter sido lindos, pois que hoje ainda não perderam o viço e a fartura.

No rosto, sulcado de rugas, viam-se os traços de uma belleza desfeita.

Sentada, immovel, a velhinha apreciava as poucas pessoas que passavam.

«Uma historia, uma historia, Katucha Mariannovla», disse uma voz argentina, de repente, e no mesmo instante viu-se a velha rodeada de uma infinidade de creanças, todas maltrapilhas e sujas, que em côro exclamavam: «Uma historia! uma historia!»

Sorriu-se a velha docemente, e, passando a mão pelos cabellos da linda menina que lhe estava mais perto e que olhava para ella com seus grandes olhos innocentes, principiou:

—Uma historia é o que vós quereis, marotos, pois a tereis, a tereis...

Novamente cessou de falar, e seus olhos, ainda brilhantes, fitavam o horizonte numa expressão de saudade e tristeza infinda.

Transmittiam elles tão fielmente a amargura dessa alma, que as creanças, silenciosas, se dispunham a voltar aos brinquedos; mas Katucha Mariannovla, elevando a voz para que fosse ouvida por todos, falou:

—Era nos gelidos campos do governo de Troia. Durante o dia uma chuva torrencial cahira continuamente, e o vento do norte viera tornar ainda mais frios os ultimos dias de Dezembro.

A margem de um rio, que gelava completamente no inverno, erguia-se a cabana de um pobre mujik.

No verão elle trabalhava na aldeia proxima e poupava para poder sustentar sua familia, que constava de sua mulher e cinco filhos, todos pequenos. No inverno, preso entre as quatro paredes de sua misera cabana, elle fazia, de madeira, cavallos e outros brinquedos. Sua mulher, uma jovem e robusta creatura, ajudava-o quanto podia.

Viviam felizes aquellas pobres creaturas, só conhecendo o trabalho e temendo a Deus.

Era vespera do Natal. Estava prestes a bater meia-noite. Conforme o costume, todos esperavam, acordados, a hora de exelamar: «Em verdade Jesus nasceu!» Ir á igreja era totalmente impossivel por causa do tempo. Soando emfim a hora esperada, beijaram-se alegremente, preferindo as phrases do estylo.

Quando o bom mujik se inclinava sobre o berço para beijar seu ultimo filhinho, um estrondo horrivel ouviu-se, e no mesmo tempo um grito de horror escapou dos labios das creanças e dos adultos.

Precipitando-se para a pequena abertura que servia de janella, o mujik certificou-se do que presentira: o gelo partira-se, e a agua vinha com uma força extraordinaria, carregando enormes blocos de gelo, arrasando tudo!

Por um instante parou elle estupefacto perante tal espectáculo, mas bem depressa comprehendeu o perigo que os ameaçava ali, e, por isso, pegar nas creanças e envolvê-las nos pelos foi obra dum momento!

A mulher, horrorisada com o que se dava, tinha tambem ficado immovel, e só á voz do marido é que se lançou ao filhinho, estreitando-o ao peito.

A noite estava escura, pelo que só podiam adiantar-se aos clarões dos relampagos. De subito o mujik deixou escapar um grito, um desses gritos que profere o homem que vê irremediavelmente perdida a salvação. Aterrorisadas, as creanças e a mulher abraçavam-se a elle.

Quiz o pobre ainda sahir do lugar onde se achava—tarde! tarde demais: o pedaço sobre o qual havia levado os seus desprendeuse e foi levado pela correnteza!

Nesse momento um novo grito echoou, e, ao brilhar do relampago, appareceu ao longe o vulto da menina mais velha. Fôra ella que soltára esse grito estridente ao ver o bloco de gelo sumir-se, arrastando consigo os seis infelizes!

Como se salvára a menina?

Do seguinte modo: ao sahir de casa não podia ir no collo, porque seus pais carregavam, cada um, dois irmãosinhos seus; por isso, quando se lembrou do seu cãozinho, o bello Ticho, que estava preso, voltara á cabana para buscá-lo, e, ao voltar para fôra, não encontrára mais os seus.

Começára então a andar em direcção contraria á que tinham tomado seus paes, quando, á claridade, dum relampago, vira desaparecer seus pais e irmãosinhos!

Foi assim que terminou a vida feliz daquella santa familia. Deus assim o quiz, e pelo que Elle faz seja bendito.

—Mas isto não é historia, disse um rapaz, que, pela altura, parecia ser o mais velho dos ouvintes, isto é um facto; diga-nos, pois, o nome da menina que se salvou!

—Katucha Mariannovla, replicou a velha, enquanto duas lagrimas fugiam-lhe dos olhos.

No meio do silencio que então reinou, ouviu-se o ruido discreto de um beijo, que a pequena dos grandes olhos innocentes depositava na mão tremula de Katucha Mariannovla.

*Nora Sanfelice*

## Diario da Filha de Maria

(Versão do francez por Mary)

*Não faças mal aos que tu amas*

Este conselho vos fará talvez sorrir, por vos parecer inutil, ou até quasi injurioso.

Fazer mal aos que, no circulo amado da familia, respiram a mesma atmospherá que eu, fazer mal aquelles que me amam e de quem tanto gosto, não, nunca!... Como te conheces pouco, meu pobre coração!

Passa em revista um só de teus dias, e faze uma conta exacta, si puderes.

*Essa frieza com que acolhestes* a amiga que veio a ti, com o coração aberto, para pedir-te um serviço—*não fez nenhum mal?*

*Essa resposta breve e secca á pergunta que se te fez, talvez em teu proprio interesse—não terás sido um mal feito ao teu proximo?*

*Esse «sim» impaciente e brusco que parecia pronunciado como que para te desembaraçares de um importuno—não fez então, nenhum mal?*

*Essa falta de attenção a um inferior, a um pequeno, a um ignorante, que esperavam ao me-*



### PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—  
Assignaturas

Anno . . . . . 4\$000  
Mez . . . . . \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

*A assignatura annual para os assignantes da «E'poca» custa 2\$000.*

## A's nossas leitoras

*Por falta de espaço, deixa de apparecer neste numero a biographia de Ancilla Domini, bem como 6 «clichés» explicativos do preparo de capas para cadeiras.*

*A 8 do corrente Zenir Alcêa explicará a todas as actuaes circumstancias deste jornalzinho, que cada vez mais necessita do auxilio pecuniario das donas e donzellas.*

Chamamos a attenção geral para o augmento de preços que terão as assignaturas da «P. A. e C.» desde o dia de hoje.

A redacção da «Epoca» foi forçada a essa medida, para ver se assegura a permanencia do seu supplemento nas lides jornalisticas.

Ultimamente, em Sta. Catharina, suspenderam a publicação os seguintes periodicos: «Oasis» (Florianopolis); «Correio do Norte» (Joinville); «Folha Nova» (Tijucas); «A Nota» (Laguna); «A Ordem» e «Folha do Sul» (Tubarão).

nos um affectuoso *bom dia*—não terá *ella* tambem feito algum mal?

Como não será longa essa lista do mal que tu fazes todos os dias, *sem te aperceberes disso!*

E não sabes que deverás, cedo ou tarde, *expiar* tudo isso?

## A morte da cega

Entre risos vivia Lucy, a filha do banqueiro Jones, alegrando aquelle lar, com seu sorriso de jovem despreoccupada...

Vivia como um barquinho que, impellido pela correnteza, atravessa o oceano sem cuidado no perigo! Porém a sua felicidade não foi duradoura como suppunha: um dia seus olhos castanhos perderam o brilho; Lucy cegou e começou a viver de recordações e illusões. Longas noites passava vendo, com os olhos da alma, cheia de saudades, os dias que jamais voltariam, os dias saudosos em que alegrava a sua casa, hoje cheia de tristezas!

Certa noite, despertando de um somno agitado, apalpando paredes e objectos, chegou ao quarto de sua mãe que, infelizm

va alli. Chamou-a; e como não obtivesse resposta, quiz chegar até o seu leito, julgando-a adormecida; depois de dar alguns passos ao acaso, estendeu os braços para certificar-se do ponto do quarto em que se achava, e, batendo numa lampada que estava sobre a mesa de cabeceira, atirou-a ao chão...

O fogo, encontrando com que se manter, coçou a alastrar-se, e Lucy, inconsciente do perigo, continuou com os braços estendidos, procurando o leito de sua mãesinha.

Finalmente, sentindo os estalos das labaredas e o calor do fogo, Lucy procurou sahir do aposento, mas, não encontrando a porta, atirou-se a um canto, esperando que as chammas vagarosas viessem lambem-lhe os pés descalços e os cabellos... Aterrorisada, sentiu as chammas chegarem cada vez para mais perto, porém, sem poder livrar-se, deixou que a morte se apoderasse daquelle corpo, que, sem luz, deixava o mundo para ir viver onde ha tanta luz!...

Lily

## DOMINIOS DA ESPHINGE

### SEXTO TORNEIO CHARADISTICO (Janeiro, Fevereiro e Março)

12—18) NOVISSIMAS

Occupa o espaço o que nas flores agrada ao soldado—1,2

A virtude e a oração vencem a crueldade—1,2

Tende piedade da criatura que padece—1,2

Do templo á cidade segue o cortejo—1,2

Heloisa

Derrama as vasilhas neste rio—2,2

A favor desta machina manifestou-se este funcionario—1,2

Salva quem zombava deste estabelecimento—

2,2

I. A.

## AS DUAS SURDAS

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS

Amelia, Thomazia, Almerinda, (sobrinha de Amelia e Thomazia), e Guilhermina, creada.

Scenario—Sala em casa de D. Amelia

SCENA V

D. Amelia e Guilhermina

D. AMELIA—(gritando, na porta) Fala bem alto, hein? e toma um automovel para não chegares tarde! (Volta para o meio da sala; á Guilhermina) Guilhermina, é preciso que você fale muito alto com a minha irmã, porque a coitada está sofrendo dos ouvidos, tendo ficado quasi com-



GUILHERMINA — Oh! coitada de D. Thomazia! Que pena!

D. AMELIA — Sim! é uma pena! mas... entendeu bem o que deve fazer?

GUILHERMINA — Entendi, sim, senhora: devo falar bem alto com D. Thomazia.

D. AMELIA — Sim, é isto mesmo! porém... não se esqueça! Agora arrume um pouco a sala, e vá chamar-me, assim que chegar minha irmã. E, repito mais uma vez: fale alto, bem alto! (Sae)

### SCENA VI

#### Guilhermina só

GUILHERMINA — (arrumando, etc.) Não me esquecerei de falar alto, não!... Que engraçado não será, quando nós todos gritarmos!

As paredes são até capazes de estremecer!... Eu vou empregar todos os esforços para ganhar bastante chocolate!... Que idéa teve D. Almerinda! Acho que mais ninguém teria semelhante idéa! (Tocam a sineta) Ih! com certeza são ellas! Aprompta-te, garganta, para gritar bastante! (Vae receber-as, e grita atrás dos bastidores) Boa tarde, D. Thomazia, como vae? (Entram D. Thomazia e Almerinda)

### SCENA VII

#### D. Thomazia, Almerinda e Guilhermina

GUILHERMINA — (gritando) Agora vou avisar á D. Amelia que D. Thomazia chegou.

ALMERINDA — (baixo, á Guilh.) Bravo! Guilhermina! bravo! Continúa assim, sempre alto!

GUILHERMINA — (gritando) Até já! minhas senhoras! (Sae)

### SCENA VIII

#### D. Thomazia e Almerinda

THOMAZIA — Mas como a Guilhermina já se acostumou a falar alto! Até me espanto cada vez que ella fala! Pobre Amelia! tão moça ainda, e já surda dessa maneira!... Eu sou cinco annos mais velha do que ella, e ainda ouço muito bem. Foi bom você me ter avisado a tempo, porque seria muito desagradável, para a coitada, não ouvir o que eu lhe dissesse.

ALMERINDA — Sim, foi por isso mesmo que lhe contei.

D. THOMAZIA — E, falando-se alto, ella ouve bem?

ALMERINDA — A unica pessoa que ella comprehende bem sou eu; acho que é porque falo com ella todos os dias. Os outros devem até gritar, para que ella ouça! A Sra. faça o favor de fazer o mesmo, sim? porque ella não quer que se diga que está surda.

D. THOMAZIA — Bem o comprehendo! Mas você ha de ver como a sua tia tem boa voz! (Ouve-se fóra a voz de Amelia) Ah! vem Amelia! Ah! vem Amelia! Preparemos a garganta!

# ZULEIMA

## CAPITULO III

O vapor, que partia em Janeiro de 1917, chegava a Dakar após doze dias de viagem. Depois de algumas formalidades, Alberto desembarca e telegrapha a Zuleima, pedindo noticias.

Alguns dias são passados; Alberto pela vigesima vez lia a seguinte carta, recentemente chegada do Brasi:

Meu querido Alberto.

Saudades mil e muitos beijos.

Apresso-me em responder tua cartinha escripta de Pernambuco, para aproveitar um paquete que parte amanhã, com destino ao porto de Dakar.

Que desanimado és!...

Não tens lido a Imitação de Christo, que te offereci ao partir?!... Foi della que extrahi os sabios conselhos que te dei; é ainda nella que bebo as consolações e encontro lenitivo no triste isolamento em que vivo encerrada. Sê animoso, meu Alberto; vais cumprir um dever sagrado, e Deus não permittirá que nelle succumbas. Dois annos no cumprimento do dever passam depressa, verás; demais, para proteger-te contra as balas inimigas, terás a constante vigilancia do coração de tua mulherzinha e suas fervorosas orações. Na tua philosophia, dirás: de que me servem suas orações e seu coração tão longe?!... Eu, porém, na minha simplicidade, saberei responder-te: O amor não mede distancias; é sempre vigilante, e, quando sincero como o que te consagro, é tão terno quanto confiante. Por isso, constantemente te recommendo aos céos e estou certa que o bom Deus velará por ti.

Não sejas mau, meu marido; por que desconfias da bondade divina? não tem sido ella tão boa para ti?... Si és peccador, mais um motivo para esperares no bom Jesus, que prometteu ao culpado que n'Elle confiasse todas as graças necessarias para sua salvação. Paciencia e resignação, meu querido Alberto, e eu te prometterei bom exito. Não te preoccupes muito commigo; passo o tempo fazendo o enxoval do nosso filho e pensando em ti; isto me ajuda a ter confiança no futuro. Já penso na tua chegada; que bello! Tu me encontrarás, naturalmente, radiante de felicidade por te abraçar são e salvo, e terás a indizível ventura de ouvir o nosso filho te chamar pápá. Si for homem o nosso filhinho, mandarei, para a tua recepção, uniformisalo de soldado, e verás que lindo ha de ficar! Mamãe te abençoa e une suas preces ás minhas pela tua conservação. Adeus! Pensa em Deus, Alberto; este pensamento te dará valor e ha de trazer-te, bom e forte, aos braços da tua mulherzinha, que te ama tanto, que nem sabe dizel-o.

Beijos da tua

Zuleima

## CAPITULO IV

Alberto ainda lia a carta de Zuleima, quando o commandante reunia os officiaes e dava as ultimas ordens para a partida. Era meio dia e onze minutos. Alberto já não podia escrever de Dakar, pois não havia tempo; a esquadra pretendia demorar nesse porto um mez no minimo; devido, porém, a uma ordem vinda do Havre, era mister partir immediatamente. Contrariado, mas reconfortado com a carta da sua querida, Alberto teve forças para supportar este azar e foi escrever a seguinte carta, que foi enviada ao Brasil, da Hespanha.

Zanessa